

A DIMENSÃO AFETIVA NA EXPERIÊNCIA URBANA: OS SENTIDOS DO HABITAR NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Rizia Mendes Mares

orcid.org/0000-0001-9332-8803

Universidade Estadual Paulista (FCT/UNESP)

E-mail: rizziamendesmares@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555>

Resumo

No período contemporâneo, verificamos uma ênfase na difusão de imaginários urbanos, pautados em um modo distintivo e fragmentário de viver a cidade tendo os muros como delimitador da sociabilidade urbana, a qual passa a realizar-se em enclaves. O que, em nosso entendimento, revela um conjunto de fatores imbuídos em uma produção prática do espaço como padrões comportamentais, relações afetivas, de valor e *status* social que aprofundam as desigualdades socioespaciais. Com o presente texto objetivamos refletir sobre a experiência urbana na contemporaneidade lida através das emoções e afetos incorporados e localizados no contexto da vida cotidiana. Para tanto, a proposta metodológica direciona-se no sentido de tornar cognoscível as representações e simbolismos dessa experiência no espaço urbano com o uso de mapas afetivos. Uma metodologia baseada em mapas abstratos e metáforas como recursos de apreensão dos afetos. O debate aqui proposto ancora-se, sobretudo, em uma revisão bibliográfica e nos indica que a experiência urbana a partir dos novos habitats, expressa a desigualdade presente na realidade brasileira e mostra-se como uma forma de enfraquecimento da experiência urbana, condição que pode ser apreensível a partir de uma metodologia que privilegie a afetividade na dinâmica socioespacial permitindo uma leitura mais subjetiva da experiência urbana.

Palavras-chave: Geografia Emocional; Fragmentação Socioespacial; Mapas Afetivos; Diferenciação Socioespacial; Cotidiano.

THE AFFECTIVE DIMENSION IN URBAN EXPERIENCE: THE SENSES OF HABITAT IN CONTEMPORARY CITY

Abstract

In the contemporary period, we noticed an emphasis on the diffusion of urban imaginaries, based on a distinctive and fragmentary way of living the city, with the walls as a delimiter of urban sociability, which happens to take place in enclaves. What, in our understanding, reveals a set of factors imbued in a practical production of space such as behavioral patterns, affective relationships, value and social status that deepen socio-spatial inequalities. With the present text we aim to reflect on the urban experience in contemporaneity read through emotions and affectivity incorporated and located in the context of daily life. To that end, the methodological proposal is directed towards making the representations and symbolisms of this experience in the urban space knowable using affective maps. A methodology based on abstract maps and metaphors as resources apprehension of affections. The debate proposed here is mainly based on a bibliographical review and indicates that the urban

experience based on the new habitats expresses the present inequality in the Brazilian reality and shows itself as a way of weakening the urban experience, a condition that can be apprehensible from a methodology that favors the affectivity in the socio-spatial dynamics allowing a more subjective reading of the urban experience.

Keywords: Emotional Geography; Socio-spatial Fragmentation; Affective Maps; Socio-spatial Differentiation; Everyday.

LA DIMENSIÓN AFECTIVA EN LA EXPERIENCIA URBANA: LOS SENTIDOS DEL HABITAR EN LA CIUDAD CONTEMPORÁNEA

Resumen

En el período contemporáneo, verificamos un énfasis en la difusión de imaginarios urbanos, pautados en modo distintivo y fragmentario de vivir la ciudad teniendo los muros como delimitador de la sociabilidad urbana, la cual pasa a realizarse en enclaves. Lo que, en nuestro entendimiento, revela un conjunto de factores imbuidos en una producción práctica del espacio como patrones comportamentales, relaciones afectivas, de valor y status social que profundizan las desigualdades socioespaciales. Con el presente texto objetivamos reflexionar sobre la experiencia urbana en la contemporaneidad leída a través de las emociones y afectividad incorporadas y localizadas en el contexto de la vida cotidiana. Para ello, la propuesta metodológica se dirige en el sentido de hacer cognoscible las representaciones y simbolismos de esa experiencia en el espacio urbano con el uso de mapas afectivos. Una metodología basada en mapas abstractos y metáforas como recursos aprehensión de los afectos. El debate aquí propuesto se ancla, sobre todo, en una revisión bibliográfica y nos indica que la experiencia urbana a partir de los nuevos hábitats, expresa la desigualdad presente en la realidad brasileña y se muestra como una forma de debilitamiento de la experiencia urbana, condición que puede ser aprehensible a partir de una metodología que privilegie la afectividad en la dinámica socioespacial permitiendo una lectura más subjetiva de la experiencia urbana.

Palabras clave: Geografía Emocional; Fragmentación Socioespacial; Mapas Afectivos; Diferenciación Socioespacial; Cotidino.

Introdução

*Não possuía mais a pintura de outros tempos.
Era um muro ancião e tinha alma de gente.
Muito alto e firme, de uma mudez sombria.
Certas flores do chão subiam de suas bases
Procurando deitar raízes no seu corpo entregue ao tempo.
Nunca pude saber o que se escondia por detrás dele
Dos meus amigos de infância, um dizia ter violado tal segredo,
E nos contava de um enorme pomar misterioso.
Mas eu, eu sempre acreditei que o terreno que ficava atrás do muro era um terreno abandonado!
(O muro. Manoel de Barros, 2013, p. 38)*

A prática socioespacial constantemente faz emergir novos elementos que estão além das determinações materiais, requerem um olhar mais apurado para o campo simbólico e subjetivo que não apenas dê conta de desvendá-la, mas também, tornar cognoscível o conteúdo imaterial. Surge, então, a questão: como expressar aquilo que está no âmbito das representações sociais?

Acreditamos que uma opção seja a escolha de metodologias que privilegiem aspectos mais subjetivos da relação entre sujeito e a cidade. Nesse sentido, o presente texto abordará, de modo objetivo, uma visão de sobrevoo sobre o uso de mapas afetivos, partindo do princípio de que a dimensão dos afetos e emoções podem ser reveladores do conhecimento, percepção e orientação do espaço, estimulando a reflexão sobre possibilidade de desenvolvimento de uma racionalidade ético-afetiva na cidade.

Defendemos a hipótese de que a dimensão afetiva faz parte de processos de diferenciação socioespacial, bem como, da experiência urbana vividas de modos distintos em diferentes espaços da cidade. A corrente da Geografia Emocional faz uma crítica à ausência na Geografia de uma comunicação e expressão da afetividade imbuída na vida cotidiana, sendo essa uma dificuldade da ciência que tendencialmente, negou os elementos afetivos. Ressalvando que as emoções não são fáceis de definir ou demarcar, nem tão pouco facilmente observadas e mapeadas, embora sejam a expressão da vida cotidiana.

No presente texto buscamos, a partir da hipótese delineada, refletir sobre as formas e processos socioespaciais contemporâneos expressivos das cisões, desigualdades e diferenciação socioespacial, centrando a análise nas novas formas de habitar e enclausuramento, o uso de espaços residenciais fechados.

Desse modo, o texto estrutura-se, além dessas notas introdutórias, de duas seções onde, na primeira, apresentamos elaborações teóricas em que pese o debate sobre a Geografia emocional e de como a dimensão dos afetos e emoções pode ser um viés analítico do processo contemporâneo de produção da cidade, justificando a grande ênfase em um estilo de vida mais restritivo e seletivo do ponto de vista da sociabilidade urbana e, que tem implicado em modos díspares de vivência na cidade, tendo como elemento modelador da experiência urbana o habitar.

Na segunda seção, apresentamos uma proposta metodológica que, em nosso ponto de vista, pode auxiliar na leitura desse processo de (des)construção da cidade a partir

dos novos habitats, que é o uso de mapas afetivos. Assim, a tentativa é de apresentar como o tão difundido discurso de medo se relaciona à metodologia de apreensão dos afetos como ferramenta de análise da experiência urbana. As contribuições objetivam uma síntese acerca da compreensão das práticas espaciais em uma cidade que, em tese deveria prevalecer as relações de coletividade, mas que caminha para um modo de vida cada vez mais fragmentário, individualista e seletivo.

A (des)construção da cidade: as práticas do habitar sob a perspectiva dos afetos e emoções

A proposta que colocamos em debate toma como perspectiva a dimensão dos afetos e emoções para a pesquisa geográfica. Entendemos tratar-se de um modo de apreender a espacialidade e temporalidade das emoções que permeiam a ação social. A chamada geografia emocional destacada por Bondi, Davidson e Smith (2005), aparece, nesse contexto, como um novo objeto de estudos, dado o pressuposto de que parte dos simbolismos que margeiam e interpenetram os lugares derivam da relação com o emocional.

Ressalta-se que a geografia emocional não está centrada no sentimento por si mesmo. Considera o envolvimento emocional com pessoas e lugares ao invés de pensar em seu distanciamento. De modo que a análise caminha na direção de se compreender a emoção, tanto teórico como empiricamente, mediando e articulando a dinâmica socioespacial (BONDI; DAVIDSON; SMITH, 2005).

Mediante esse enunciado queremos dialogar sobre a contribuição da dimensão dos afetos e emoções como um modo de apreender a afetividade imbuída na experiência do espaço na cotidianidade. Esse viés analítico nos permite trabalhar na hipótese de que as emoções integram o processo de diferenciação socioespacial, bem como são vividas de modos distintos em cada fragmento do tecido urbano.

Tal hipótese direciona-nos à interpretação de uma nova lógica de produção e experiência da cidade, por consideramos que a organização centro-periferia, até então prevalente na cidade, tem ganhado outros conteúdos e ações em virtude de um processo de desconstrução da cidade, agora difusa e dispersa. Processo apreensível não apenas do ponto de vista da forma, mas também, das representações e simbolismo que as preenchem. Trata-se de uma lógica fragmentária substitutiva do tradicional modelo centro-periferia em

que pese, ainda, a diferenciação e a desigualdade socioespacial como elemento fundante em tais lógicas de produção.

Os processos de modernização, desigualmente difundidos na América Latina de modo mais amplo e, no caso brasileiro, nosso recorte particular, nos impõe considerar as consequências sociais e impactos na experiência social e ação prática nos espaços de vivência. Nesse sentido, grandes são os desafios de se compreender a rapidez e simultaneidade das mudanças nas cidades, além de buscar novas estratégias analíticas e metodológicas que deem conta dessa nova realidade urbana, assim:

La emergencia de “nuevas” y expansión de “viejas” formas de desigualdad social en el contexto de los procesos de globalización, reestructuración e integración regional que atraviesan los países latinoamericanos, implica actualmente un desafío importante para las ciencias sociales. [...] Asimismo, resulta evidente que son necesarios nuevos conceptos e hipótesis de trabajo para analizar las características e impactos de estos procesos a escala local y nacional, en la medida en que los mecanismos de integración regional están dispersando fronteras y centros de decisión nacional, y globalizando intereses y perspectivas económicas, sociales, políticas y culturales. (VEIGA, 2000, p. 23).

Consideramos, então, que a produção da cidade contemporânea se expressa por complexas espacialidades e temporalidades, sobretudo, em uma escala mundial no pós Segunda Guerra Mundial (MARCUSE, 2003), lidas, segundo Soares (2006, p. 347) como “um amplo processo de reestruturação caracterizado pela ‘explosão’ das tradicionais formas de concentração urbana e pela emergência de novas formas espaciais”. Sob o efeito do processo de globalização, indica um estágio mais avançado do capitalismo com efetivo impulso nas décadas finais do século XX, de caráter universalizante das forças produtivas, imprimindo nessas cidades uma total redefinição em termos de distribuição de usos e conteúdos urbanos (SPOSITO, 2008).

Esse contexto de reestruturações permite-nos compreender o processo de urbanização contemporâneo e sua base material que é a cidade, essa, efetivamente transformada pelos movimentos da globalização que ultrapassam as escalas. Tal movimento de transformação atinge diversos níveis da cidade erigida para fins de acumulação, abarcando a vida cotidiana, que se desenrola sob as determinações do capitalismo. Leva-nos a refletir sobre as configurações do cotidiano, cada vez mais programado e tendendo a um padrão homogêneo no que tange às relações constituídas nessa dimensão, sobretudo, quando nos referimos ao plano do habitar.

Isso implica considerar que a produção dos espaços de habitação está intrinsecamente ligada à propriedade privada do solo urbano que, segundo Singer (1982), impõem como condição de ocupação desse, a posse de uma renda, o que não se efetiva, haja vista a manutenção da propriedade privada ancorar-se na contradição de que, para viabilizá-la é necessário a existência de uma força de trabalho como reserva, isto é, um número de cidadãos reivindicando pelo direito à moradia sem condições de pagar por um fragmento do solo urbano.

Além disso, há um contexto que favorece uma maior lucratividade ao capital financeiro e imobiliário como um déficit habitacional histórico na realidade brasileira, do ideário da aquisição da casa própria e, de modo mais evidente e crítico no contexto atual, do desejo de consumir produtos imobiliários que, para além da necessidade de habitar, constitui-se como representação de distinção e hierarquização social.

O que entendemos por novos produtos imobiliários atrela-se à ação do setor imobiliário em criar inovações condizentes com o contexto contemporâneo, na busca por outras fontes de lucro. Concordamos com Koch (2008), ao afirmar que a produção do espaço urbano tem expressado a busca de certos segmentos sociais pela diferenciação, como exemplo, a referência aos espaços residenciais fechados, o que, ao mesmo tempo, condiciona e é meio estratégico dos promotores imobiliários em associação com o poder público, na atração, seleção e venda de novos produtos imobiliários ressignificando o conteúdo da vida na cidade por alterar a experiência urbana. Bomfim (2010), ao fazer referência sobre a realidade excludente vivenciada na cidade, afirma:

O modelo de cidade mundial do planejamento estratégico, que tem como marca a construção de uma imagem de cidade para atrair investidores. A ênfase na imagem dificulta o processo de apropriação do cidadão na cidade. A apropriação por imagem induz à identificação, mas não promove a ação-transformação. (BOMFIM, 2010, p. 226).

Coloca-se, então, uma questão conflituosa ao plano do habitar e aos projetos urbanísticos com valor de troca, pois este não se encerra no ato de aquisição da moradia. Está além, trata-se do direito à cidade de modo ampliado considerando uma ação essencialmente política, mais consciente. O habitar, assim, teria como essencial uma força contra-hegemônica na medida em que está dialeticamente contrário ao movimento homogeneizante do capitalismo.

Bomfim (2010) afirma que um envolvimento do sujeito com a cidade, as possibilidades de intervenções e participação em movimentos coletivos reivindicatórios, *Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico), n. 12, v. 5, p. 82-98, jul/2019. ISSN: 1984-1647.*

solidários são fundamentais na construção de uma conscientização política. Para essa autora, um indicador da capacidade de ação e possibilidade do encontro é através da estima, isto é, trata-se da principal dimensão da afetividade expressa na experiência do espaço citadino. E coloca:

O encontro com a cidade significa descobrir formas de construção de uma ética que propicie ao habitante a interação entre as esferas íntima e pública, a convivência com o igual e com o diferente sem excluir, a superação de tese e antítese na compreensão da cidade como processo. O encontro é a participação e envolvimento dos cidadãos no movimento de transformação da cidade, quer seja nas decisões de gestão urbana ou em suas diversas formas de apropriação do espaço. (BOMFIM, 2010, p. 217).

Assim, podemos considerar o encontro como um acontecimento, um possibilitador de refazimento do cotidiano reinventando-o criativamente, o que dá chances, ainda que momentaneamente, de não reprodução das relações de exclusão (EGLER, 2000).

Se centrarmos a análise nos novos padrões de moradia, que implica em um encontro seletivo em um cotidiano programado, verificamos que o modelo de vida intramuros, muito propagado como o ideal de vida na cidade, ancora-se em fatores que estão além da estrutura concreta da casa. Perpassa um poderoso discurso de medo e insegurança o qual tem sido a referência na experiência urbana.

Hutta (2009) ao tratar do que chamou de política urbana do medo, chama atenção para os rebatimentos espaciais e sociais de tal formulação. Para esse autor, a questão de sentir medo ou sentir-se seguro ancora-se em um forte discurso de poder e controle sobre a cidade, condicionadora das relações de sociabilidade.

Acreditamos que não se trata do medo ou sentimento de insegurança per si, mas antes, uma condição para que grupos sociais de maior poder e controle definam o seu espaço de vivência. E, mais emblemático, o estabelecimento de relações de sociabilidade mais restritivas. Isto é, por detrás dessa retórica ideológica do medo há um desejo velado de exclusão de sujeitos não pertencentes à mesma casta social (MARES, 2016).

O reflexo desse elaborado discurso sobre insegurança impacta material e subjetivamente na forma urbana, pois esses sujeitos que escolhem viver fora da cidade ou, produzir uma cidade dentro de sua casa, traz rebatimentos não apenas para si, mas para o conjunto da sociedade que compartilha do mesmo espaço citadino, apesar de diferentes práticas e trajetórias (MARES, 2017).

Assim, construção do medo, do discurso de fuga da violência, reverbera na ação e uso do espaço citadino. Uma construção do sentido que se materializa e, vai além, naturaliza-se um discurso do medo que modifica a cidade ao criar sua própria espacialidade (BATISTA, 2003), e práticas específicas de uma experiência urbana que passa a realizar-se intramuros, dando ênfase e densidade ao enclausuramento em espaços privados.

Para Caldeira (2000) a associação da violência e do medo combinam-se a processos socioespaciais reverberando em mudança na estrutura social. Via de regra, os grupos sociais que se sentem ameaçados com a estrutura social vigente e de grande poder nas cidades, seja por causa de prática, mormente com referência no crime (os mais violentos), mas também, liga-se a questões étnicas e raciais, de classe, com referência negativa à população pauperizada.

Constroem enclaves fortificados (lazer, trabalho, moradia, consumo) que, ao mesmo tempo, legitimam e são legitimados pelo discurso do medo. O plano do habitar assume posição de destaque, pois, compreendemos que é o nível de ação principal que modula a vida cotidiana e a casa é bem expressiva da materialização do discurso do medo pela ênfase dada à inserção de objetos de segurança, como o muro, marcando os limites que separam a casa do mundo externo.

Durán (2008) pontua que a unificação tecnológica é contributiva de uma produção homogênea das cidades, isto é, tem-se cidades arquitetonicamente muito similares, contudo, internamente, estão se tornando cada vez mais segmentadas. Para a autora, o medo e a violência são parte desse projeto arquitetônico urbano, quando afirma:

No hay mayorías estables, sino un rompecabezas de minorías y fragmentos, un orden coyuntural que estalla ocasionalmente en desórdenes o disturbios callejeros. El mercado y la policía son las dos fuerzas que disciplinan la ciudad, y el miedo y la violencia forman parte tan intrínseca de la vida cotidiana que se inscriben en el diseño arquitectónico y urbano. (DURÁN, 2008, p. 27).

Vemos que a lógica de implantação de espaços residenciais fechados expressa, em maior ou menor grau, problemáticas urbanas reveladoras de uma realidade extremamente desigual. Ao habitar são agregados outros conteúdos modificando sua função. Conforme Lindón (2006) a casa pode expressar novos padrões de consumo que viabiliza a acumulação do capital alterando, em uma via de mão dupla, tanto a vida privada, na medida em que atividades antes realizadas no centro urbano passam a integrar o interior da casa, como também, altera e transforma a experiência urbana, debilitando-a.

Esse novo modelo de habitar tensiona as relações de sociabilidade ao se relacionar com um movimento de expansão do tecido urbano, fomentando um processo mais profundo de separação que pode ser lido nas formas espaciais, no sentido da produção material da cidade, e no conteúdo social e simbólico atribuído a essas formas (LINDON, 2006), reveladoras do cotidiano citadino e experiência urbana. Isto é, a cidade contemporânea, dispersa e fragmentada, reforça a construção social de um modelo de vida intramuros, concomitantemente, a lógica fragmentária contribui para as formas de dispersão da cidade, não apenas do ponto de vista da estrutura urbana, mas também, da experiência e conteúdo das práticas espaciais.

Para Sposito e Góes (2013), há o reconhecimento de que trata-se de um processo que contém e sucede o de segregação (autossegregação), tornando mais densa as cisões nessas estruturas e, especialmente, as práticas espaciais dos cidadãos, combinados a novos elementos como a prevalência de uma policentralidade, conformação de territórios descontínuos dando origem a morfologias descontínuas territorialmente.

Essas mesmas autoras, acrescentam que há uma alteração da relação entre proximidade e contiguidade, dadas as melhorias no transporte e comunicação operando uma redefinição das interações espaciais e, de um aprofundamento da nova divisão técnica e econômica, das dimensões temporais, espaciais e sociais, haja vista, a existência de novos ambientes com fins de consumo de bens e serviços segmentados, diversificando e aprofundando os níveis de desigualdades socioespaciais (SPOSITO; GOES, 2013). Um processo que pode ser compreendido desde as condições materiais como através das dimensões simbólicas e subjetivas, oriundas dos valores que modelam a vida urbana.

Essa ideia de enclaves fortificados impõe um modelo de vida urbana a partir do habitar, exemplificam a emergência de um novo padrão de organização das diferenças sociais no espaço urbano, produzindo outra sociabilidade densamente caracterizada de individualismo. Entretanto, não se trata necessariamente de uma limitação no quantitativo de pessoas com quem se interage, mas da pretendida anulação de um relacionamento com o outro, com desconhecidos o que é peculiar da vida urbana metropolitana.

O processo de expansão verificado na cidade contemporânea tem construído uma cidade diferente daquela compacta e concentrada, por meio do qual grupos sociais de maior renda tem se deslocado e ocupado cada vez mais a periferia geográfica, o pode ser percebido pelos novos valores e significados atribuídos ao habitar. A interiorização da casa

é um fenômeno indicativo de um processo de desconstrução da cidade e reconstrução de imaginários urbanos (LINDÓN, 2006).

Para Egler (2000), vive-se processos combinados aos usos imediatos do espaço que, em uma perspectiva mais geral, podem ser apreendidos pela análise da divisão social do espaço, considerando o lugar que os diferentes grupos sociais ocupam no espaço citadino e da manifestação das relações de apropriação das condições de vida na cidade, o que nos permite considerar a relação entre identidades sociais e as desigualdades socioespaciais. Para a mesma autora:

Mais do que um processo que decorre direta e exclusivamente dos rendimentos econômicos, a relação social no espaço responde por uma complexa teia de instâncias, associadas a formas particulares, historicamente variáveis, de dominação. Certamente, as relações econômicas são as mais aparentes e claramente perceptíveis. Para nós, interessa, porém, observar as formas de dominação que se realizam, de maneira difusa e genérica, nas relações espaço-temporais vividas na cidade e que respondem à dominação especificamente simbólica. Pelas relações espaço-temporais se realizam fluxos imateriais, expressivos de como se observa, compreende e interage. Tais relações manifestam-se através de trocas seletivas e hierarquizantes. (EGLER, 2000, p. 207).

Nesse sentido, é importante considerar a subjetividade dos sujeitos, de suas práticas espaciais as quais estão intimamente ligadas às representações e simbolismos imbricados às formas urbanas. Combinam-se, então, diferentes modos de apreensão, como a dimensão dos afetos e emoções, levando em conta a identificação entre aqueles que habitam a cidade e, nessa cidade, onde moram esses sujeitos.

Ainda, que pela manifestação de emoções e afetos, conscientemente ou não, a geografia emocional pode ser uma ferramenta capaz de compreender os processos de produção e apropriação do espaço urbano, tendo a dimensão do cotidiano como uma lente que permita visualizar não apenas as relações de exclusão e desigualdades socioespaciais no movimento do real e simbólico entre os 'eus' e os 'outros', mas também, como possibilidade de superação dessa racionalidade com vistas à produção de outra cotidianidade.

A afetividade, assim, seria uma virtualidade, possibilitando outras formas de viver o cotidiano urbano, em que os sentidos das práticas espaciais possibilitadoras de uma transformação na cidade estariam atreladas ao desenvolvimento de potencialidades baseadas em um eixo integrador, a dimensão afetiva.

(Re)Construção dos sentidos do habitar: o uso de mapas afetivos na interpretação da experiência urbana

Nessa seção, buscaremos compreender como se relaciona o discurso de medo ou da insegurança urbana à proposta de apreensão dos afetos e emoções através do uso dos mapas afetivos. O foco é sobre o modo como os cidadãos têm experimentado o cotidiano, seus percursos e representações, em uma cidade (des) construída sob nova lógica de produção.

Conforme estamos debatendo, um modo de analisar a experiência urbana se dá pelo viés das emoções, elegendo a dimensão afetividade como categoria que relaciona as representações e simbolismos sociais no uso e apropriação do espaço urbano. Trata-se do desenvolvimento de uma metodologia de análise da cidade com base na estima pelo espaço cidadão e constitutiva da experiência urbana. Conceitualmente, o mapa afetivo:

Objetiva o conhecimento do ambiente como expressão do afeto e da orientação espacial. Pautados em imagens psicossociais. Revelam os significados do ambiente pelos afetos. Além dos aspectos da estrutura, incluem os aspectos metafóricos e abstratos. A representação da cidade permite o acesso à estrutura da cidade, mediada pela afetividade. É uma construção que se dá na inter-relação do pesquisador com o respondente, mediada por um instrumento de pesquisa. (BOMFIM, 2010, p. 223).

Enquanto um recurso metodológico, prioriza-se a recuperação da positividade das emoções para compreensão das questões sociais e superação da dicotomia emoção/cognição. O uso de mapas afetivos permite experimentar o cotidiano urbano a partir do ponto de vista do cidadão e pode ser, também, um modo de conhecer os modos de produção da cidade que influenciam no sentido da vida coletiva (BOMFIM, 2010).

Como eixos norteadores dessa proposta tem-se a cidade, afetividade e simbolismo. Para a supracitada autora, o significado da cidade expressa-se como sentimentos e corporeidade, pois, o corpo é entendido não apenas como acompanhante exterior às coisas, mas como um campo de afecção. O afeto como categoria de mediação da subjetividade: “Não só interagimos na cidade, mas formamos uma totalidade com ela, em que eu e o mundo, espaço construído e subjetividade, formam uma unidade pulsante.” (BONFIM, 2010, p. 51).

A cidade pressupõe a existência de identidades seja dos sujeitos ou do próprio espaço. Identidades que ganham concretude no discurso, materializando-se no espaço

construído sem, com isso, desconsiderar as subjetividades. O que impacta não apenas no planejamento urbano, como também no modo como o sujeito se apropria desse espaço.

Bomfim (2010) justifica que ter como referência o sentir na compreensão da cidade significa impor-se e estar implicado na experiência urbana cotidiana, tendo a emoção e o afeto como mediadores das construções e descobertas dos cidadãos. Acredita que o modo como o sujeito se relaciona na cidade já indica sua ação. Para a supracitada autora, a afetividade é um indicador de ética e cidadania.

Ao relacionar afinidades entre imagens da vida social e imagens da cidade, isto é, a relação entre simbolismo social e elementos espaciais, enfatiza que as estruturas sociais são suscetíveis aos efeitos da produção espacial e que é estrategicamente orientada por uma elite de poder, pois, são os principais agentes da urbanização criadores de modelos de consumo, habitação e lazer, colocando-os como referência para toda a população. Assim, sugere analisar os modos de vida e os modos de urbanização, como um método que abarque todas as dimensões: modos de vida, história, organização econômica, dimensões técnicas e sociais.

Adentrando mais especificamente à técnica, a metodologia de apreensão dos afetos tem o desenho e a metáfora como recurso imagético através dos quais busca-se apreender a dimensão do afeto, entendendo-a como expressão do simbolismo do espaço. Bomfim (2008) destaca que o uso de mapas afetivos não se restringe à visão de interação do indivíduo com o espaço enquanto lugar de inter-relações, mas, destaca o entorno como uma dimensão da identidade dos indivíduos.

Do ponto de vista categorial, os mapas afetivos representam a síntese do encontro do cidadão com o espaço urbano, algo que não é facilmente apreensível. Logo, com base no desenho, isto é, uma projeção da cidade do ponto de vista do habitante, a metáfora recurso linguístico de linguagem figurada indicadora dos afetos, ambos assentados na vivência dos sujeitos emersos no cotidiano cidadão, revelam os subtextos da experiência urbana.

Os instrumentos geradores dos mapas afetivos são, assim, o desenho e a metáfora associado à linguagem escrita dos sujeitos participantes da pesquisa. No que se refere ao desenho, é o ponto inicial da técnica, possibilita um momento de sensibilização para expressão de emoções e sentimentos e a representação traduz a dimensão afetiva do desenho. Quanto à metáfora, seu uso está para além da cognitividade, busca uma relação

mais íntima entre o pesquisador e o sujeito participante e é entendida como recurso de síntese. A escrita conclui o processo como expressão da dimensão afetiva (o subtexto). Todos esses recursos integram um questionário administrado individualmente sobre o espaço (cidade) que se deseja investigar (BOMFIM, 2010).

Objetivamente os elementos que constituem o instrumento gerador dos mapas afetivos são os seguintes:

1. O desenho
2. O significado do desenho
3. Os sentimentos
4. As Palavras sínteses
5. O que pensa da cidade (Categorias: Agradabilidade, Pertencimento, Insegurança, contrastes)
6. Comparação da cidade: A Metáfora)
7. Caminhos percorridos
8. Perguntas sobre participação em associações
9. Características sócio demográficas.

No que se refere ao modo de análise das informações obtidas através do questionário, trata-se de uma análise de conteúdo categorial, ou seja, um processo de codificação e condensação que finaliza com a elaboração dos mapas afetivos. Essa técnica prioriza a análise qualitativa (partindo da análise de conteúdo categorial) e análise de subtextos (sentido e motivos).

O tratamento estatístico associado à análise qualitativa, utiliza uma escala elaborada a partir de quatro dimensões onde as respostas são organizadas com fins de diferenciação e síntese, resumidas no quadro 01 com as seguintes dimensões:

Quadro 01. Modelo de síntese do processo de categorização para elaboração do mapa afetivo da cidade						
Identificação	Estrutura	Significado	Qualidade	Sentimento	Metáfora	Sentido
n° sexo: idade: escolaridade: cidade: tempo de residência (quando não originário)	mapa cognitivo de Lynch: desenho de monumentos, caminhos, limites, confluências e bairros. metafórico: desenho que expressa por analogia o sentimento ou o estado de ânimo do respondente.	explicação do respondente.	atributos do desenho e da cidade apontados pelo respondente.	expressão afetiva do respondente ao desenho e à cidade.	comparação da cidade com algo pelo respondente e que tem como função a elaboração de metáforas.	interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo respondente (qualidade e sentimentos).

A formação das imagens da cidade se dá pelo processo de articulação dos sentidos apreendidos através dos instrumentos geradores dos mapas afetivos expressos de modo sintéticos conforme quadro 02 a seguir:

Quadro 02. Modelo de imagens com os respectivos sentimentos que as representam		
IMAGENS (ordem de importância)	Qualidade as cidades de estudo	Sentimentos das cidades de estudo
Contrates		
Atração		
Destruição		
Agradabilidade		
Movimento		
Caixa de surpresas		

Essas dimensões podem ser usadas de modo comparativo se tiver mais de um objeto para comparação. No estudo da cidade é importante contextualizar o processo de estruturação que a conformou. Bomfim (2010) defende que a estrutura urbana influencia a relação do sujeito com o espaço citadino e promove a formação de imagens e significações acerca da cidade vivida, haja vista, a imagem expressa pelo citadino resulta de um processo histórico. Logo, em se tratando de análise comparativa, a técnica pode identificar diferenças e identificações entre distintas as cidades.

Considerações para continuar o debate

No plano da cidade capitalista, a diferenciação socioespacial é condicionada pela dimensão econômica. Consequentemente funda-se na produção das desigualdades através de mecanismos e estratégias de reprodução do capital o qual revela e se vale da desigualdade produzida por esse sistema, alçando essa última como centro explicativo da diferenciação socioespacial na cidade contemporânea por operar como negatividade. E é no plano do habitar que a diferença surge como negatividade pelo conflito e lutas em prol do espaço.

O discurso do medo e da insegurança urbana e sua reverberação na forma-conteúdo da cidade contemporânea tem produzido um novo tipo de cidade, uma cidade sitiada o que implica em considerar a adaptação ou mesmo surgimento de novas práticas espaciais as quais podem ser vistas tanto como produto dessas novas dinâmicas de produção da cidade, como também, indutoras dessas.

Um ponto que pode ser destacado está no padrão de realização dessa dinâmica de produção da cidade, isto é, dos grupos que se apropriam diretamente do discurso do medo e da violência cria estratégias de proteção, controle e, sobretudo, evitação do outro, do diferente. Pois, especialmente em se tratando da realidade brasileira, a elite econômica e política é que se coloca como principal vítima da insegurança urbana, sendo o grupo que tem vivido “assustado” nas grandes cidades e para a qual, os projetos urbanísticos têm se voltado em produzir um “mundo particular”.

Exemplos são percebidos através de novas formas de habitação, consumo, trabalho e lazer, considerados como enclaves fortificados tendo o muro como símbolo emblemático desse novo habitat urbano, ou seja, um modo da população dos estratos médios e altos de renda se refugiar da insegurança urbana. Outro padrão é que a apropriação do discurso da violência e do medo associa-se a processos socioespaciais o que, no plano mais amplo, vem resultando em profunda mudança na estrutura social das cidades, não restritas às grandes cidades.

É um discurso que tem implicado, também, nos projetos e operações urbanísticas, zoneamento urbano, haja vista, definirem as localizações de cada grupo social e cada função a ser desenvolvida por cada fragmento do espaço citadino. A influência no zoneamento e funcionalidade dos fragmentos do espaço citadino tem diversas motivações, seja do ponto de vista cultural, religioso, questões de saúde pública.

Contudo, são práticas ora de proteção, ora de evitação estão ligadas, mormente, às questões de classe, raça, origem, fatores expressivos em se tratando de Brasil em que os níveis de desigualdade são alarmantes, assim como o racismo, xenofobia e outras práticas discriminatórias perpassam o discurso e se materializam no espaço citadino. O discurso do medo e da insegurança urbana culmina não apenas em um processo de fragmentação espacial, mas também, das relações sociais.

A opção em investigar tais processos passa pela difícil necessidade de tornar inteligível os elementos que o constituem e, para tanto, o uso de metodologias capazes de não apenas compreendê-los, mas também, tornar cognoscível os sentimentos que integram a relação do sujeito com a cidade, ou seja, o conteúdo de sua experiência urbana, são imprescindíveis para melhor desvelar suas práticas.

Assim, importante e necessário se faz o uso de técnicas como a apresentada, os mapas afetivos. Nesse enfoque, a ênfase nos sinais emotivos e expressivos a serem destacados pelos cidadãos na representação imagética, dá condição de desenvolver um modo de intervenção no espaço urbano que possa não só ser lido, mas também visualizado com fins contributivos de maior compreensão da ação prática no uso e apropriação do espaço urbano.

Agradecimento

Agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento da pesquisa da qual deriva o presente texto (Processo: 2018/12685-1).

Referências

- BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013, 480p. (1ª. Reimpressão).
- BATISTA, V. M. A arquitetura do medo e a estética da escravidão. In: **O medo na cidade do Rio de Janeiro**. Dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Editora Revan. “Prefácio”, Loïc Wacquant, 2003, p.203-221.
- BOMFIM, Z. Á. C. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 253-280.
- BONDI, L.; DAVIDSON, J.; SMITH, M. Introduction. Geography's 'emotional turn'. In: BONDI, Liz; DAVIDSON, Joyce; SMITH, Mick. (eds). **Emotional Geographies**. Aldershot, England: Ashgate, 2005, pp. 1–17.
- Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, (Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico), n. 12, v. 5, p. 82-98, jul/2019. ISSN: 1984-1647.*

CALDEIRA, T. P. do R. **Cidade de muros**. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34. “Introdução”, pp. 9-12; Ch. 1: “Falando do crime e ordenando o mundo”, 2000, p. 27-39.

DURÁN, M. A. **La ciudad compartida**: conocimiento, afecto y uso. Madri: Ediciones SUR, 2008, 206p.

EGLER, T. T. C. Interação social no espaço urbano: encontro ou confronto. In: RIBEIRO, M. C. T. (Org.). **Repensando la experiencia urbana de América Latina**: cuestionamientos, conceptos y valores. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.205-220.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: HUCITEC, 1980.

HUTTA, Jan Simon. Geographies of Geborgenheit. Beyond feelings of safety and the fear of crime. In: **Environment and Planning D27** (2), 2009, p. 251–273

KOCH, M. R. Condomínios fechados: as novas configurações do urbano e a dinâmica imobiliária. In: **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 99-116, fev. 2008. Disponível: <
<https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/viewFile/1582/1951>>. Acesso em 19/06/2018.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ártica, 1991.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LINDÓN, A. O bunker house e a desconstrução da cidade. Liminar. In: **Estudos Sociais e Humanistas**, vol. IV, não. 2 de dezembro de 2006, pp. 18-35 Centro de Estudos Superiores do México e da América Central San Cristóbal de las Casas, México.

MARCUSE, P. Cities in quarters. In: Bridge, G.; Watson, S. (orgs.). *A companion to the city*. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.

MARES, R. M. **A produção do espaço urbano em Vitória da Conquista/BA: lógicas e práticas espaciais do lazer**. 170f. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Geografia), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente/São Paulo, 2016.

MARES, R. M. A Produção Social dos Espaços de Lazer: O Caso De Vitória da Conquista, Bahia-Brasil. **Revista Formação** (ONLINE) Vol. 1; n. 24, Jan-Abril/2017; p. 136-152. ISSN: 2178-7298. ISSN-L: 1517-543X. DOI: <https://doi.org/10.33081/formacao.v1i24.4664>

SINGER, P. O uso do solo urbano na economia capitalista. MARICATO, Ermínia. (Org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2ª edição, 1982, p. 21-38.

SOARES, P.R. Cidades médias e aglomerações urbanas: a nova organização do espaço regional no Sul do Brasil. In: SPOSITO, E.S.; SPOSITO, M.E.B.; SOBARZO, O. (Org.).

Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p.347-364.

SPOSITO, M. E. B. GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades:** insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SPOSITO, M. E. B. Urbanização da sociedade e novas espacialidades urbanas.

OLIVEIRA, Márcio Piñon de.; COELHO, Maria Célia Nunes.; CORRÊA, Aureanice de Mello. (et al). **O Brasil, a América Latina e o mundo:** espacialidades contemporâneas. Rio de Janeiro: Lamparina-FAPERJ, Anpege, 2008, v.II, p. 61-72.

VEIGA, D. Notas para una agenda de investigación sobre procesos emergentes en la sociedad urbana. In: RIBEIRO, M. C. T. (Org.). **Repensando la experiencia urbana de América Latina:** cuestiones, conceptos y valores. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.19-33.

Sobre a autora – Informações prestadas pela autora

Rizja Mendes Mares

Doutoramento no Programa de Pós-graduação em Geografia, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-Campus de Presidente Prudente/SP. Mestra em Geografia pela mesma instituição (2016). Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2011). Pesquisadora junto ao Grupo de Pesquisa GAsPERR - Produção do Espaço e Redefinições Regionais e o Grupo de Pesquisas Urbanização e Produção de Cidades na Bahia.

Como citar esse artigo

MARES, Rizja Mendes. A dimensão afetiva na experiência urbana: os sentidos do habitar na cidade contemporânea. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.82-98, jul, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6555>

Recebido em: 2019-06-09

Aceito em: 2019-07-05